

Eleições francesas

- artigo
- in "O Jornal" 26 de Junho 1981
- título "A integridade da Esperança"
- cf "dossier entrevistas"

26 Junho 1981



através do "o Jornal" ?

Sobre ideias francesas

26 de Junho 1981



A GUIA DE INTRODUÇÃO

Entendo que os momentos de transformação devem ser captados na sua utopia e no seu simbolismo, nos horizontes para que apontam e nas raízes em que se fundam. O tempo, é certo, se encarregará de introduzir fracturas, de limitar aspirações, de relativizar gestos e palavras. Mas nada poderá anular a expectativa, a promessa e a frescura de todo o começo. Só a plena pureza do instante salvaguarda, no tempo descontínuo, a integridade da esperança.

Talvez, por isso, somos tantos nestes dias a comentar a viagem que se operou na sociedade francesa. Projecção de sonhos não realizados ? Nostalgia do que "poderia ter sido" ? (É o velho Ionesco a repetir-nos, do texto de "As cadeiras" aquela terrível verdade : "Doi-me, doí-me a voz !") Tudo isso, sem dúvida, mas sobretudo uma esperança que irrompeu e inunda outros lugares e torna nossas as palavras escritas em França : "As forças criadoras vão ter a ocasião, mais do que nunca, de se revelarem" (22 Maio,

Não foi só a festa que invadiu a praça pública com aquele entusiasmo metido e contido que os franceses manifestam na alegria ou na admiração. Foi a afirmação repetida, sempre de forma original, de que uma esperança nova é possível. Foi a verificação de que as "ideias" voltaram a ter que ver com a realidade. Foi um coro de testemunhas não-orquestrados mas espantosamente convergentes a dizerem de uma atmosfera nova, de um desejo de empenhamento a passar a acto, de um "regresso" à própria pátria :

"Neste 10 de Maio, pela primeira vez desde há 1/4 de século milhões de homens e mulheres têm de súbito o sentimento de habitarem a França. De já não serem estrangeiros na empresa,

na cidade, na nação, de terem de hoje em diante o direito à palavra, o direito de serem escutados e talvez serem ouvidos. Isso conta e contará muito mais que outras mudanças que hão-de vir talvez mais espectaculares. É essa mudança que está sub-jacente a tudo o mais." (22 Maio,

É, treze anos depois, a decantação de Maio de 68. O discurso então negativo e contestador encontrou os canais e as formas que fundamentam os conceitos e alicerçam os actos. A luta não tem como objecto "a morte do pai" mas a criação de uma nova maneira de viver. Às míriades de grupos acedendo, pela primeira vez, à palavra e ao seu poder, sucede-se uma grande corrente convergente que tendo acesso ao poder quer utilizá-lo para construir uma sociedade nova. É uma transformação que tem a ousadia de se dizer serenamente :

"A França desde o dia 10 de Maio de 1981 é uma democracia palpitante cujo coração recebe o sangue novo da mudança dos homens e da modificação das prioridades." (26 Maio,

Fundação Cuidar o Futuro

PARA ALÉM-DA ALTERNÂNCIA, A ALTERNATIVA

São de facto esses os dois elementos de viragem na vida francesa : "a mudança dos homens" e a "modificação das prioridades". Ou, em outros termos, à vontade alternância vem juntar-se a proposta de alternativa.

Entendamo-nos bem : a alternância como regra de ouro da democracia significa o acesso de todas as equipas - e no limite de todos os cidadãos - à esfera da tomada de decisão política. Estamos longe porém das "dinastias" que noutros tempos se sucediam por mera necessidade histórica. Hoje a alternância das equipas corresponde à necessidade de modificação das linhas mestras da orientação política. O que significa que se escolhe, de acordo com os dados complexos que informam o eleitorado, uma equipa de homens e mulheres portadores de um projecto. Em França, mais ainda do que as pessoas concretas que iriam encarnar o projecto, foram as grandes linhas do programa do socialismo democrático que constituíram a alternativa e permitiram a alternância.



A alternativa - essa realidade que tanto pode ser projecto de sociedade como conjunto de objectivos e meios para o alcançar como orientação das reformas e transformações - é o objecto da escolha democrática. A alternância é, sua consequência e ao mesmo tempo meio ou instrumento para que a alternativa seja possível.

As declarações de François Mitterrand nos últimos minutos do frente-a-frente com Valerie Giscard D'Estaing foram a esse respeito iniludíveis :

"O que eu tenciono fazer sobretudo é a defesa da liberdade. (...) A liberdade é uma palavra muito abstrata - e é preciso tratá-la na sua realidade quotidiana.

Qual é a liberdade de um desempregado ? Qual é a liberdade de alguém que, sem ser desempregado, trabalha a cadências infernais ? (...) A liberdade é a difusão do saber. A liberdade é também a conquista dos direitos sociais, dos direitos colectivos, das responsabilidades. (...) A liberdade é ainda a defesa contra certos efeitos da ciência e da técnica. (...) A liberdade é a conquista do tempo de viver. (...) É preciso que todos aqueles que participam na vida da cidade possam aprender a viver melhor e a viver de outra maneira.

Finalmente há um problema de liberdade no plano international. (...) É o direito dos povos a disporem de si próprios." (7 Maio, 14

Não foram palavras eleitoralistas nem utópicas. São o empenhamento em realizar a tarefa até hoje mal asboçada de equacionar a liberdade em termos de necessidades básicas de cada povo. São a consciência clara de que num mundo em que cada ano morrem mais pessoas do que as que pereceram no Holocausto da II Guerra mundial a liberdade quer dizer pão. São a lucidez serena de que num mundo em que aos Goulags conhecidos há que acrescentar todas as disidências sufocadas a garantia de uma vida melhor passa pela vivência da liberdade. Soa, por isso, como um compromisso perante a história a exigência que François Mitterrand assume em nome da França no momento da sua investidura : "realizar a nova aliança do socialismo e da liberdade." (Discurso no Eliseu, 21 Maio, Monde 22 Maio, 9)

Alternativa susceptível de ganhar a adesão de uma fração que sempre respondeu aos apelos que a podem guindar àquela não sei que grandeza que a marca como um agulhão no seu corpo vivo e a conduz a ultrapassar-se a si própria.

Alternativa que ecoa naquilo que de mais espiritual este povo preserva e aprofunda, mergulhado embora nas mil solicitações da abundância :

"Lutas contra o desemprego, contra as taras da organização social, contra as injustiças mais gritantes da França dos anos 80 é, sem dúvida, uma prioridade no tempo. Mas não são alguns pontos a mais no PNB que vão reconciliar a juventude com a sociedade e com o mundo. É a possibilidade de nos empenharmos por ideias e sobretudo de reencontrarmos, enquanto cidadãos, a liberdade de iniciativa. (...) A economia e a política não devem esconder a exigência do cultural. Um país anestesiado pela cultura oficial (...) voltada exclusivamente para o seu património, um país reduzido, pela ausência de um sistema educativo aberto, a uma sub-cultura de massa, mediatizada, sustentada por mercadores, de que esforço gigantesco não precisa hoje para reconquistar ao mesmo tempo a capacidade e o gosto de conhecer - e não só de possuir." (22 Maio, 2



DA MULTIDÃO AO POVO

O povo francês está já sendo nestas semanas o primeiro protagonista deste "esforço gigantesco". Consciente de que a grande festa do dia 21 de Maio era a celebração de um acontecimento que ele - e só ele - tornara possível, o povo disse a si próprio e ao mundo, através das eleições legislativas que está decidido a empreender tal esforço. Mais : é nesta repetida afirmação da escolha do socialismo democrático que o povo francês se afirma como povo.

Digo-o por duas vias. Por um lado, uma via de observação política :

o eleitorado francês sabe que não vai caminhar para um crescimento económico à maneira dos anos 60, conhece os custos do progresso social, verifica a extensão da crise estrutural que atravessa o mundo inteiro. E, nesse contexto, em vez de se apegar às fórmulas (obviamente ineficazes, é certo) conhecidas, enceta um caminho que é novo e em que terá de construir soluções aproximadas e nunca materialisticamente certas. Nesta força e nesta lucidez, é o povo que emerge como senhor do seu destino.

Por outro lado, a afirmação do povo surge por outra via : a do súbito enriquecimento da própria palavra povo. Sempre fora difícil para mim explicar aos franceses o forte sentido da palavra povo na língua portuguesa nos últimos sete anos já que a palavra "peuple" se estiolara numa prática política (e logo semântica) que o subalternizava, substituindo-o por termos mais adequados às estatísticas de uns ou às ideologias de outros.

(A reflexão sobre as massas populares conduziu mesmo pensadores como Jean Baudrillard a emitir a hipótese de que ao Estado moderno haveria cada vez mais dois processos paralelos - logo, sem qualquer possibilidade de interferência mútua - entre o querer informe, amiboide e não formulado das massas e as decisões voluntaristas e formais dos órgãos políticos. A tal ponto que os chamados centros de poder não seriam senão ilusões de um poder inexistente sem qualquer capacidade de aglutinar as "massas" enquanto as massas silenciosas seriam detentoras, sem reflectidamente o saberem, do verdadeiro poder, exercido mais pelo somático dos comportamentos individuais do que por qualquer desígnio de conjunto.)

Ora é ao exercício desse somatório abúlico e sem alma que assistimos nestas semanas. Exercício a que não é estranho o ritual de que se revestiu o dia 21 de Maio - ritos que ao sublinharem o acontecimento, desdobrando-o em gestos, palavras, música, momentos recortados no tempo, deram espaço para que o acontecimento tomasse mil formas e se infiltrasse pelas sensibilidades multiformes, interiorizando-se em cada homem, em cada mulher, e constituindo essa imensa multidão em povo. Com o título tímido e esperançoso de "O que pode ser um povo", Françoise Sagan escreveu sobre esse dia uma artigo que

testemunha esse emergir do povo :

"Posto de lado o facto que se lhe chama 'população' para efeitos de recenseamento, 'público' para o fazer consumir, 'multidão' para sublinhar os seus perigos, tinha chegado à conclusão de que o 'povo' era o que restava dos franceses quando se lhes subtraía aquelas que ~~déclaravam não pertencerem ao povo e àquelas que afirmavam com insistência fazerem parte dele~~. Nos dois casos deixava-me perplexa o vigor viril do tom com que se manifestavam essas duas categorias, quer porque alguns tinham, na verdade, trabalhado duramente para escaparem à condição de 'povo' quer porque outros tinham tido tantas discussões intelectuais sobre o 'povo' que acabavam por imaginar ser parte dele... (...) Foram, no entanto, inumeráveis milhares de elementos dessa espécie rara que vi a receber François Mitterand no Panthéon. Vi milhares de indivíduos reunidos num mesmo sentimento e isso pareceu-me talvez ser finalmente uma definição correcta dessa palavra 'povo'. Vi, sob um céu de chumbo e bâtegas de água, os rostos deliciados, confiantes, divertidos com o seu próprio prazer e que cantavam sob a chuva, como numa imensa 'comédie française'." (Le Matin, 26 Maio)

Fundação Cuidar o Futuro

É um profundo desafio lançado à vida social e política da França nos próximos anos. Para que a alternativa trazida pelo socialismo democrático seja actuante é necessário que os dirigentes franceses constantemente regressem ao acontecimento fundador - à pureza do instante, à amplitude do horizonte. Dele nascerão os acontecimentos que vão instituindo cada vez mais o povo na sua dignidade de povo. Não será indiferente a esse regresso às fontes a preocupação e a intenção de que o "povo" possa, em cada etapa da circunstância, emergir da "população", do "público", da "multidão". (O que em linguagem directa quer dizer : nem linguagem tecnocrática fazendo do sujeito da acção meros objectos nem olímpica distância entre governantes e governados com os primeiros a representarem para os segundos nem... enfim, todo um programa que é um estilo só na aparência porque é, na sua motivação, uma filosofia política !)



DIÁLOGO, CONSULTA, PARTICIPAÇÃO

Há de facto em acção novos estímulos de consulta e de diálogo que exprimem entre governantes e governados o desejo da participação franca de todos os que podem e querem ajudar a definir o contorno dos problemas e a resolve-los.

Não pode ter sido indiferente ao eleitorado por ocasião das legislativas o facto de as consultas com as organizações socio-profissionais serem verdadeiras instâncias de diálogo. A atitude cordial e mesmo feliz de muitas delegações após as sessões de trabalho com o Presidente da República ou o Primeiro Ministro não se deve apenas à expectativa da mudança. Encontraram não apenas alguém junto de quem apresentaram reivindicações mas sempre uma equipa de membros do Governo colaborando com o Primeiro Ministro e capaz de ter imediatamente a interacção necessária à decisão política responsável por cada zona de administração com incidência nas matérias a discutir.

Por seu lado, as organizações sindicais revelaram uma maturidade exemplar. O seu empenho em que esta etapa da vida francesa responda às necessidades essenciais do povo e em particular dos sectores que representam leva-os a um realismo sem equívocos. Não hesitam em indicar as modificações que reclamam mas têm a lucidez necessária para aceitarem que os objectivos sejam atingidos a médio prazo. Sabendo que há certo tipo de reivindicações que são mais expressão de espírito "corporativista" do que de uma exigência de justiça social, procuram não enveredar por um caminho que, a prazo, conduz inevitavelmente à derrota de uma política social e económica coerente. Disse-o de forma firme Edmond Maire, secretário-geral da CFDT, afirmando que a corresponsabilidade nas decisões tem de conduzir "a uma estratégia de sucesso estável com vista a transformações profundas", ultrapassando o que ele chama "as estratégias do fracasso".

É na explicitação das duas "estratégias do fracasso" mais correntes que se encontram sinais de grande reflexão e análise política :



"Uma das estratégias do fracasso consiste em queimar uma só vez todos os cartuchos, a acumular medidas sociais para deixar os traços da esquerda na história, mas, a curto prazo, tal estratégia trará agravamento da inflação, importações maciças e finalmente aumento do desemprego com o regresso da direita ao poder no termo do processo. Uma outra estratégia do fracasso consiste em obter numa primeira etapa ^{as} medidas imediatas e positivas, adiando para mais tarde, em função da conjuntura económica, as outras etapas, com o risco de nunca mais serem atingidas..."

Este *são* realismo caracteriza também o leque dos parceiros sociais com quem o governo estabelece relações : as associações de consumidores, as poderosas federações representativas do sector da educação, i.e., grupos que não estão directamente ligados à relação produtiva na sua forma mais imediata, intervêm também no processo de concertação à escala nacional.

Sente-se, de resto, que est espírito de escuta e diálogo vem de longe. Muitas das formas concretas do novo estilo de governação têm que ver com uma nova maneira de entender a política. Ela não é apanágio de uma classe predestinada mas brota da prática social de movimentos e até de pequenos grupos que servem de fermento a todo o corpo social. O pluralismo da sociedade francesa não se esgota na coexistência de forças políticas com projectos de sociedade diferentes. É um pluralismo que está a dar lugar a formas diversas de pensar a cidade e de nela actuar :

"Precisamos hoje de preservar não só o pluralismo político mas o pluralismo das formas de intervenção no campo político."

(5 Junho, 2

Em duas linhas fica traçado um programa de prática política que é hoje uma das questões-chave postas à democracia. Ao pluralismo das forças que constituem o respirar de uma sociedade que constantemente se produz a si própria é preciso dar voz e forma no concerto das forças políticas. Tanto para salvaguardar a revitalização das forças

políticas, confrontadas assim com novos eixos da sociedade real como para permitir que as forças e movimentos sociais extravazem do sectorial para a globalidade da coisa pública e se libertem do aconchego do "ghetto" inovador.



DO PODER DA TÉCNICA AO PODER SOBRE A TÉCNICA

Só um tal programa permitirá, de resto, que o Governo francês responda, de forma criadora, ao problema de gestão socialista que é a pedra de toque da capacidade de a esquerda ser, simultaneamente, tecnicamente rigorosa e culturalmente mobilizadora - refiro-me ao Plano como polo aglutinador das vontades, das competências, das oportunidades, numa palavra, do "querer comum".

Essa será uma tarefa a longo prazo. Entretanto, começa a delinear-se já uma nova orientação de toda a política que ao poder da técnica (quer jogando no seu carácter pseudo-asséptico politicamente quer invocada como uma quase necessidade "metafísica" do progresso económico) substitui desde já o poder sobre a técnica. A tecnocracia eficaz, aparentemente não-ambiciosa, que diz "nada saber de política" é radicalmente posta em questão. Uma nova responsabilidade é exigida aos homens e às mulheres dos mundos variados do que costuma chamar-se a ciência e a técnica. É neste contexto que se insere a decisão do governo francês de realizar ainda antes do fim deste ano um "colóquio nacional sobre as escolhas científicas e tecnológicas" para que o parlamento possa em 82 legislar sobre a matéria.

A visão do desenvolvimento e do planeamento subjacente a tal iniciativa está muito para além duma simples edição das conquistas do progresso. Tratar-se-á de avaliar as consequências que terão, a prazo, as escolhas científicas e tecnológicas. Tratar-se-á da orientação da produção, de decidir o que produzir e como produzir.



A ciência e a técnica são vistas, assim, nas suas verdadeiras dimensões culturais e económicas. Implicam escolhas que determinam a evolução e a redistribuição dos benefícios económicos ao longo do processo de formação do PNB. E, ao mesmo tempo, supõem opções que definem a matriz cultural em que se geram as aspirações e se modelam os comportamentos. Se a França avançar resolutamente por este caminho estará a contribuir para uma inflexão há muito esperada e que será decisiva nos processos de desenvolvimento.

O controle do poder político sobre a técnica - ao invés da prática tecnocrática de pseudo-gestão política sobre um fundo de poder inexorável da técnica - é uma conquista da democracia deste fim de século. Que seja uma país altamente industrializado a encetar tal caminho é a verificação de que os problemas hoje estão para além dos limites estreitos das ideologias pré-fabricadas e de que a esquerda pode afirmar a alternativa que traz consigo sem ter de preencher o vazio de propostas pseudo-socialistas com "pacotes" de ocasião.

Não houve no discurso oficial em França o recurso a frases de manual nem a justificação das iniciativas a tomar por exigência de um qualquer dogmatismo de cariz ideológico. Se é certo que a antiga maioria usou incessantemente durante estas semanas os velhos fantasmas que lhe são caros do "colectivismo", do "caos" a prazo e da oposição externa a uma "maioria de esquerda" no poder, a nova maioria continuou pacientemente a sua reorganização da coisa pública sem se deixar enredar em discussões abstractas e atípicas.

A subordinação da tecnologia ao poder político permite que estejam a ser encontradas soluções que são próprias à França e aos seus problemas. As questões da gestão política são vistas em si mesmas, nas suas múltiplas dimensões e na sua especificidade. Não faz sentido algum, nesse contexto, a comparação com a social-democracia na Alemanha ou nos países escandinavos. (Bastaria citar



o poder descentralizado dos Landern na Alemanha é a necessidade experimentada por um Estado tão centralizado como a França em criar um Ministério da Descentralização).

A não-ideologização da política indo de par com a utilização adequada da ciência é ilustrada pela forma como o problema da ecologia é assumido no Governo francês, perdendo o estatuto da questão marginal para se tornar um problema integrando todas as dimensões da vida e devendo assim estar em toda a decisão política. Assim, pela primeira vez, um movimento social da post-industrialização adquire um espaço político real e não meramente simbólico.

Ao definir "cinco pontos para uma nova política" o Secretário de Estado do Ambiente do Governo francês afirma ser necessário verificar "o preço real de uma política eficaz de ambiente", considerando que tal política "deve ser sobretudo preventiva" o que leva naturalmente a dizer que "o ambiente deve controlar o equipamento" e não se limitar a corrigir-lhe (sempre aparentemente e com grandes custos) as anomalias. Uma tal política desenvolve-se em dois eixos: por um lado o eixo do poder local (e por isso é referida a "descentralização até às dimensões viáveis") e, por outro lado, o eixo da "dimensão internacional das preocupações ecológicas".

E não se hesite mesmo em dizer que a prioridade absoluta no que diz respeito às questões do ambiente é "introduzir nos processos de decisão de cada um dos ministérios uma questão ecológica negligenciada até agora".

UMA GESTÃO INTEGRADA E RIGOROSA

Outras declarações, outros actos e decisões ecoam o mesmo tipo de governação - uma gestão integrada e rigorosa da coisa pública.



Exemplo que me é particularmente caro vem das palavras e das propostas de Nicole Questiaux, Ministra da Solidariedade (área afim do que entre nós se chamou Assuntos Sociais).

É antes do mais a firmeza da sua proposta: a existência de um Ministério da Solidariedade exprime que "as pessoas devem tomar nas mãos comunitariamente os seus problemas, a sua segurança, as suas necessidades sociais, de forma responsável" e que "essas necessidades são reconhecidas" porque correspondem a direitos das pessoas. (Antídoto evidente do Estado benfeitor, do governo "magnânimo" distribuidor de regalias sociais).

É a universalidade dessa proposta de solidariedade: os imigrantes são, pela primeira vez, encarados como sujeitos e elos da solidariedade social e não ~~como~~ em primeiro lugar como "trabalhadores" imigrantes, i.e., fornecedores de mão-de-obra barata para os trabalhos mais pesados e, por esta única razão, objecto de difíceis negociações entre os países de origem e o país de acolhimento.

É enfim o realismo dessa proposta: "ao aumentar as prestações sociais para a família queremos em primeiro lugar dar resposta às necessidades mas sabemos que tudo isso vai relançar o consumo popular - razão por que não se tem o direito de pensar unicamente em termos de encargos".

É este misto de generosidade e pragmatismo, de ousadia de soluções e de prudência na forma de as apresentar e executar que caracterizaram as medidas ~~económicas~~ sociais e económicas do Governo francês antes das eleições legislativas.

Tais coordenadas mantêm-se, de resto, quando se passa da zona da política interna à zona das relações exteriores. É sem hesitações que o Ministro francês Cheysson, ao referir o carácter



de panaceia de que se têm revestido as medidas tomadas, nestes últimos anos, pela CEE quando um ramo industrial se encontra em crise (tomando o exemplo evidente da siderurgia) diz que "não se pode pensar que um governo socialista se contente com tal forma de tratar as questões". Parece surgir no horizonte da política francesa uma ideia de "Europa" que tem algo do espírito que precedera o Tratado de Roma - uma comunidade onde se terá em linha de conta as dimensões sociais das questões, onde a perspectiva global é revalorizada face a aspectos menores da negociação, onde a análise política levará a considerar os problemas actuais deste velho continente, não será uma comunidade tapa-buracos de deficits nacionais nem mero escudo da democracia. Essa Europa supõe uma política e uma visão europeias.

A força e a convicção que a actual equipa francesa põe no redimensionamento dos problemas tratados à escala da Europa vai de par com uma política de franco apoio aos países do Terceiro Mundo e ao grande desafio da justiça à escala do planeta que lhe está subjacente. Que palavras mais fortes encontrar do que as de François Mitterrand no momento da sua investidura:

"A França terá ~~de~~ que dizer com vigor que não haverá verdadeira comunidade internacional enquanto os dois terços do planeta continuarem a trocar os seus homens e os seus bens contra a fome e o desdém".

Por isso ao receber o embaixador de um país africano afirmou que a França será "incensável advogada da Nova Ordem Económica Internacional" e que tudo será feito para que a sua palavra "desperte o vasto eco de justiça e de esperança que os homens esperam dela". A solidariedade que da França vai aos países do Terceiro Mundo não se limita a um vago enunciado; é de intenções precisas que ela é forjada:

" termo do processo de descolonização, respeito da identidade cultural, afirmação da unidade continental africana



gr graças à OUA, estabilização dos preços das matérias primas, dos produtos agrícolas e industriais no mercado mundial, e finalmente supressão da discriminação racial que deshonra a liberdade dos homens".

Não é o Terceiro Mundo (e em especial a África) indiferente a tais afirmações. Tive a possibilidade de assistir em Paris à sessão das Nações Unidas que, com a presença de Kurt Waldheim, comemorou o dia da Libertação de África. Estava-se num grande areópago internacional em que decorria a Conferência Internacional contra o apartheid destinada a estudar as sanções contra a África do Sul e os meios a utilizar para apoiar os países limítrofes, nomeadamente Angola, Moçambique e Zimbabwe. A simples presença do Ministro Cheysson (quando o lugar da França por decisão do governo anterior estava vazio) foi acolhida na Conferência por um tal entusiasmo que só me fez recordar a entrada da China continental na A. G. da ONU, em 1972!

Fundação Cuidar o Futuro

As suas palavras foram de total empenho na defesa do direito de todos os povos à auto-determinação, na condenação da África do Sul e na adesão ao embargo total a esse país e na salvaguarda de todos os valores que possam garantir aos povos africanos um clima internacional de justiça e solidariedade.

Face às críticas que imediatamente surgiram em França quanto ao perigo que uma posição clara contra ~~xx~~ o apartheid significava para a economia francesa (uma vez que cerca de 140 firmas têm negociações estreitas com a África do Sul) o Ministro não hesitou em dizer:

"... dizem que esta posição quanto ao racismo nos vai custar alguns contractos. Primeiro, isso precisa de ser discutido. Depois, é preciso que em países como a França, a Inglaterra, a Alemanha, ao nível europeu, nos países da aliança atlântica, saibamos o que conta para nós: o respeito pelo homem, a liberdade. Para mim não são só palavras. É essencial. Mas



ninguém o diz. Fala-se indefenidamente da balança comercial e é claro que isso é importante. Mas, por piedade, falemos do ~~que~~ somos, daquilo por que nos batemos (...)" §28 de Maio)

MAIORIA COERENTE E ESTAVEL

Um Estado pode afirmar-se internacionalmente com este vigor quando internacionalmente assume a sua própria fisionomia política tal qual ela é num dado momento. Entre as presidenciais e as legislativas esteve em curso uma convergência consistente de todas as forças que se reclamam da esquerda.

O Governo, enquadrando tendências diversas, deu o exemplo de uma equipa a um tempo coesa e diferenciada nas personalidades e nas sensibilidades que o integram. Nestas primeiras semanas, a sensação é a de várias políticas articuladas intersectorialmente e claramente defendidas ou apresentadas, no seu estilo próprio, por cada um daqueles cuja primeira responsabilidade é a sua concepção e execução.

Esta maioria, agora confirmada, merece sê-lo. Não se trata de improvisar soluções ou de ir ver como outros resolvem os problemas. Estavam prontos os "dossiers", os assuntos estudados, as grandes questões e as várias soluções que requeriam estavam hierarquizadas e sopesadas. A equipa que assumiu o poder em França não chega de mãos vazias nem paralizada à partida pelas indiosincrasias programáticas de A ou B. Há muitos anos que os membros do Partido Socialista se reuniam em grupos de trabalho para analisar a gestão do poder político de então, para recolher informações, propôr alternativas, tornar essas alternativas operacionais. Por isso vemo-los abordar hoje as questões de fundo sem hesitações.

E a "maioria social" de que falou François Mitterrand e com a qual agora "se identificou a maioria política" vem, por todos os meios, reforçar esse trabalho. Desse fervilhar riquíssimo que é a

elaboração constante do pensamento em França há a possibilidade de canalizar hoje muitas intuições e de as transformar numa resposta nova às aspirações pessoais e sociais.

A grandeza desta maioria é o de assumir-se em toda a ~~xxx~~ sua verdade. Antes das legislativas, sabia-se que as forças de esquerda tinham chegado a acordo perante a necessidade de uma "maioria coerente e estável". E foi com a serenidade que lhe é própria que na noite da segunda volta o Primeiro Ministro Pierre Mauroy se referiu à "maioria de esquerda". Vão durar os comentários sobre a presença de comunistas no governo francês. Mas a resposta está nas palavras de François Mitterrand no pórtico do Eliseu após a visita do vice-presidente americano George Bush: "... a política da França é a política da França e permanecerá a política da França".

ASSUMIR A VITÓRIA

Fundação Cuidar o Futuro

Esta grandeza - esta tranquila consciência de ser o representante de um Estado soberano - só é possível porque François Mitterrand teve a coragem de assumir a sua vitória.

Tendo em poucas horas deixado de ser o dirigente do PSF para ser o presidente de todos os franceses, assumiu o risco de toda a vitória em democracia: avançar no rumo da história com aqueles que o escolheram, aceitando com humildade democrática que outros o não escolheram.

Ao assumir a sua vitória François Mitterrand reforçou a grande corrente que vinha trabalhando o interior da sociedade francesa e que agora veio desembocar no socialismo democrático e garantir a maioria de esquerda. Desde a sua investidura, François Mitterrand avançou pela senda que a vitória lhe abriu avaliando com firmeza e confiança as consequências e os conditionalismos dessa vitória: que mecanismos havia que desencadear, que contactos internos e externos havia que estabelecer, que palavras havia que proferir susceptíveis de criarem acontecimentos, que actividades

havia que devfinir como prioritárias na ordem dos valores, ~~xxx~~
~~xxxxxxx~~ da resposta ao eleitorado e do equilíbrio das forças
sociais e políticas.

Em poucas semanas, o presidente de todos os franceses
deu relevo à sua estatura de Chefe de Estado. Inaugurou os
gestos simbólicos que são os imperativos da unidade de um povo.
Delimitou a personalidade do homem para aceitar, sem bravatas
nem tibiezas, as exigências e as renúncias que pede a investi-
dura.



Fundação Cuidar o Futuro